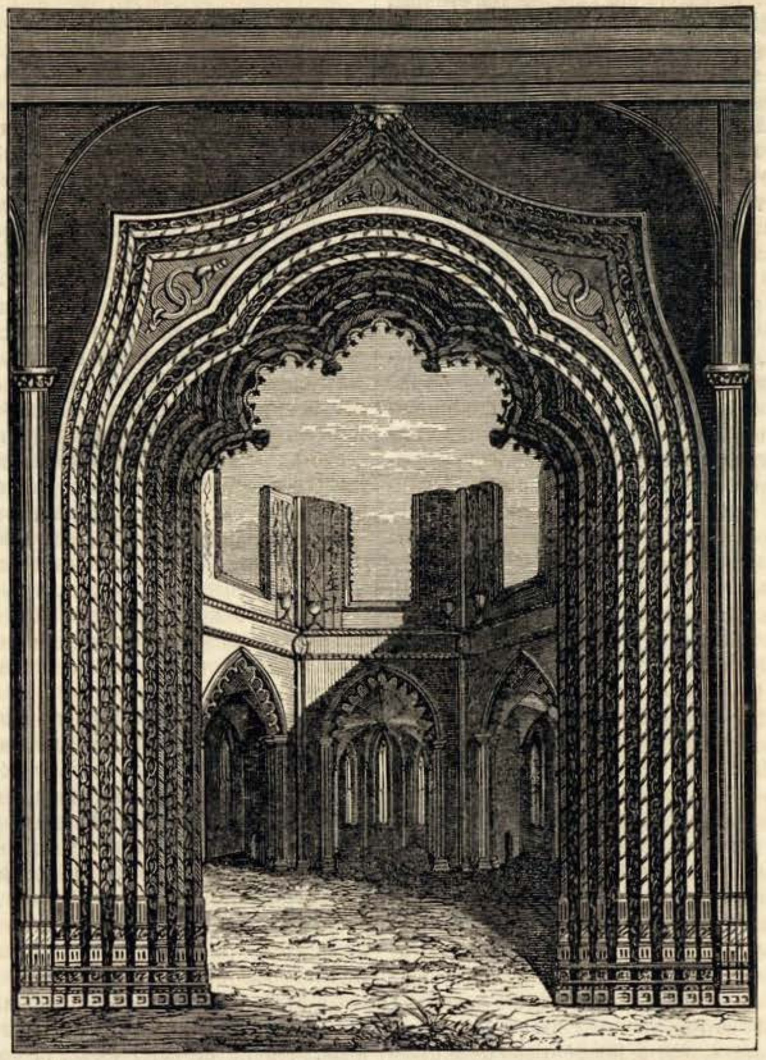


Portal das capellas imperfeitas

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 297)

As capellas imperfeitas estão situadas por detraz da capella-mór do templo, e das quatro capellas do cruzeiro, como se póde ver na planta geral do edificio da Batalha, a pag. 125 d'este volume.

Constituem estas capellas um grande edificio de fórma octogona, independente da egreja, porém ligado á capella-mór, e ás duas immediatas, por um pateo rectangular, cujas paredes lateraes são como o prolongamento das paredes tambem lateraes do corpo da egreja.

Compõe-se aquelle edificio exteriormente de dois corpos principaes: o primeiro é formado pelo portico da entrada e por sete capellas, cada uma de tres faces, e cada face rasgada em dois terços da sua altura em uma formosa janella ou grande fresta de arcos ponteagudos. Separam as janellas, travados com os quatro angulos de cada uma d'estas capellas, gigantes ou botaréos, que acompanham as paredes até á abobada que cobre a mesma capella, faltando-lhes as pyramides que os deveriam coroar, assim como falta a grade ou renda de pedra, que os havia de unir, guarnecendo a dita abobada. O espaço que fica entre as sete capellas é aproveitado, sendo tambem abobadado e fechado com uma parede, que sobe a pouco mais de meia altura das paredes lateraes, tendo no centro uma fresta ou janella. Assim fica este primeiro corpo independente do superior pela parte externa, e resaltando d'elle para fóra. O segundo corpo é formado por oito grandes massiços de pedra, e por outras tantas janellas nos intervallos d'estes. Aquelles massiços são compostos de muitas columnas delgadas, e enfaixadas de espaço a espaço com umas faixas lavradas, a modo de anneis. Estes feixes de columnas, cujas bases assentam nos intervallos das capellas do corpo inferior, acostam-se aos angulos, e deviam servir de gigantes ao edificio central, destinado a cobrir o espaço octogonal, ou grande capella em torno da qual estão as sete capellas do corpo inferior e o portal que completa as faces do octogono.

A suspensão das obras deixou por acabar esta parte do edificio, do modo que se vê na gravura a pag. 297, copiada de uma photographia.

A capella de Santa Barbara, que é a ultima do cruzeiro da egreja, do lado do evangelho, communica-se com o convento por um corredor, no qual, exactamente por detraz da dita capella, está uma pequena porta, que deita para um vão, onde se acha outra pouco maior, com a cruz da ordem de Christo e duas espheras armillares esculpidas na parte superior d'ella, e ornada com uma tarja e cifra em relêvo, em que

avulta a letra *E*, primeira do nome *Emmanuel*. Dá passagem esta porta para o pateo rectangular, que separa a capella-mór da egreja das capellas imperfeitas, e que era destinado a servir de vestibulo a estas ultimas.

Este pateo está descoberto: mostra, porém, por um pedaço de abobada que n'elle se vê, que esta o devia cobrir todo. Aquella abobada, inteiramente differente de todas que existem no monumento de D. João I, é achatada, e dividida por numerosos artesões, com muitos florões de variados lavores. Esta obra denuncia por sua propria estructura, que foi feita na mesma epocha em que se construia a da egreja de Nossa Senhora de Belem.

É, pois, n'este pateo que fica a entrada das capellas imperfeitas. O magestoso portal que lhe dá ingresso logo previne o visitante da magnificencia e belleza da ornamentação interior; e ao mesmo tempo lhe está indicando que tem diante dos olhos um monumento de differente estilo architectonico d'aquelle que vem de contemplar. Aquella nobre simplicidade, ou sabia parcimonia de ornatos gentis, que distinguem a fabrica de D. João I, é substituida na obra que vamos observar pela profusão das decorações, por esse luxo ornamental, que faz uma das principaes feições do estilo gothico-florido, representante da epocha del-rei D. Manuel.

Servir-nos-hemos para a descripção d'este portal das phrases com que o desenhou o chronista da ordem dominicana. Depois de fallar da primeira porta, que tem por cima as espheras e a cruz da ordem de Christo, diz assim: «Esta porta dá serventia para um pateo descoberto, que fica por detraz da capella-mór da egreja, e ao justo defronte d'ella mostra uma formosa portada, que se fórma de uns cordões, que, começando de baixo, sobem ao alto; e em volta, sem fazer signal de capitel, nem outro genero de divisão em nenhuma parte, tornam a descer pela outra até ao chão; e começando a fazer com o primeiro, que fica mais fóra de todos, uma grande abertura de portal, os que se lhe juntam, que são seis, vão recolhendo e apertando a entrada com tal diminuição, que vem a ficar em uma moderada porta. São os cordões todos sete deseguaes em grossura, como tambem são differentes em feitio; mas todos entalhados de variedade e subtileza de lavores tão perfeitos, e com tanto primor e mimo obrados, como se fosse na mais facil e obediente madeira, de quantas servem para esculptura. Assim fazem a obra admiravel de custosa, considerado o tempo que levaria de lavrar e polir cada pedra, e as muitas que se perderiam, estalando com a força do ferro e subtileza do lavor. Em quatro cordões d'estes é parte do feitio uma letra interposta a espaços, a qual escripta com os mesmos caracteres que tem esculpida, é a seguinte: «*Tanyas erey*»... communicada a letra com pessoas de grande juizo, assentámos ser grega. Porque *tanyas* é accusativo do nome grego *tanya*, que é o mesmo que *região;* e *erey* é o imperativo do verbo *eréo*, cuja significação é *buscar*, *inquirir*, *investigar*. E fica-se dizendo em nome do senhor do templo a el-rei D. Manuel, que o edificava... buscae, inquiri novas regiões e climas; como animando-o a não desistir de seus valorosos pensamentos. E quadra bem a significação com a empreza, que então actualmente occupava este principe, do descobrimento da India; e tambem com a divisa de sua mysteriosa esphera, que acceitada por elle a outro fim, foi prognostico de se lhe haver de sujeitar grande parte do mundo.»

Transpondo este lindo e gracioso portal, que a nossa gravura representa, entra-se no grande espaço octogonal, cercado pelas sete capellas, das quaes a mesma gravura mostra tres.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O FOGO

(Conclusão. Vid. pag. 311)

XVIII

TODO O FOGO PROVÉM DO SOL

Eis-nos em face da asserção que logo ao principio fizemos. Qual é a origem do fogo? Vimos que se produz fogo por meio de acções mecanicas, como é a fricção, a percussão, etc.; tambem vimos que se obtem fogo pelas acções chimicas, queimando o carvão, o phosphoro, o ferro, o hydrogeneo, etc.; a electricidade e magnetismo tambem nos fornecem meios de obter fogo, etc. Haverá, pois, muitas fontes diversas de fogo? Todas se podem reduzir a uma só — o carvão.

Com effeito, para obter o hydrogeneo, assim como para obter a electricidade na pilha, é preciso empregar o zinco; e este metal obtem-se reduzindo o seu minerio por meio do carvão. É ainda o carvão que serve para obter o ferro, o magnesio e os outros combustiveis; que a machina de vapor continue a reinar sem rival por todo o mundo, ou que seja substituida por qualquer outra, em definitivo será sempre o carvão que determinará o movimento.

Para desenvolver o fogo por meio do magnetismo é necessario aproximar e afastar alternadamente os magnetes, ou electro-imans, e este movimento tem de ser dado por um motor qualquer, cuja origem será sempre o carvão.

Pelas mesmas razões se vê que todo o calor desenvolvido por acções mecanicas, isto é, por movimentos, qualquer que seja o motor, é devido ao carvão.

Os seres animados não podem viver sem tambem queimarem carvão. Um homem queima no acto da respiração, termo médio, 12 grammas de carvão por hora, o que dá mais de 100 kilogrammas por anno. A quantidade de carvão queimado no acto da respiração depende tambem dos movimentos que nós fazemos: quando o homem trabalha precisa mais alimentos que quando está tranquillo; e nos alimentos entra em grande quantidade o carvão. A combustão do carvão é, pois, a unica fonte de movimento, a unica fonte de calor e luz, e, portanto, a unica origem do fogo.

A verdadeira força da Inglaterra está na riqueza que possue nas suas minas de hulha, ou carvão de pedra, que são exploradas desde tempos immemoriaes. Desde a invenção das machinas de vapor, o consumo da hulha tem augmentado de um modo espantoso; a exploração dos vastos depositos de hulha tem crescido em enorme escala; e tudo faz suppor que ainda deve augmentar. Não deveremos, pois, recear que um dia falte este principio de todo o movimento, esta origem do fogo? Os calculos tem mostrado que, suppondo mesmo um consumo sempre crescente de carvão, serão ainda necessarios alguns mil annos para se esgotarem as minas de hulha que se conhecem.

Todo o carboneo queimado se converte em acido carbonico que se espalha na atmosphera: é o reino vegetal que se encarrega de nos restituir este carboneo, que a respiração do homem e dos animaes, bem como as diversas combustões, tinham transformado em acido carbonico. Com effeito, as plantas, no acto da respiração, absorvem o acido carbonico existente no ar, e expellem o oxigeneo. É nas partes verdes, e debaixo da acção do sol, que se exerce a respiração. Graças a este maravilhoso trabalho, a composição da atmosphera conserva-se a mesma, e o carvão accumula-se nos vegetaes, preparando-se nos nossos pantanos os materiaes de depositos de carvão para os seculos futuros.

É pela acção do calor e da luz do sol que o acido carbonico existente na atmosphera é decomposto pelas

plantas, sendo este calor e esta luz restituidos pela combustão do carvão. É pela acção do sol que as plantas crescem, que se cobrem de folhas e de flores, e que se produzem os fructos. É tambem graças ao sol que todos os animaes vivem, pois que uns alimentam-se de vegetaes que se formaram pela acção do sol, e outros alimentam-se de outros animaes, os quaes se alimentaram de plantas. Quando o tigre come o carneiro, alimenta-se á custa dos vegetaes com que o carneiro se nutriu, vegetaes que o fogo solar creou e desenvolveu. Os proprios animaes que fogem da luz do sol se alimentam á sua custa, pois que, comendo insectos, nutrem-se de animaes que comem raizes de plantas que só o calor e luz do sol podem desenvolver.

O nosso grande Garrett graciosamente descreve a acção do sol sobre o nosso planeta, nos seguintes versos:

Salvè, imagem do Eterno! olho do mundo
Que a doce vida no universo esparzes!
Ao teu assomo as delicadas flores
Vão na hastea humilde endireitando as frentes.
Já pela copa ás arvores frondosas
Os fechados botões se desabrocham,
Pula na terra germinando e cresce
A encerrada semente, esperança e fito
Do lavrador cançado. Ó terra, e quantos,
Quantos encobres ávida mysterios
Que nos teus penetraes obram seus raios?

Assim, sem contar as erupções volcanicas e o fluxo e refluxo das marés, todo o movimento produzido, toda a vida entretida á superficie da terra consome calor e luz que pertenceram ao sol: podêmos, pois, dizer que todo o fogo provém do sol. Tem, pois, razão a mythologia quando diz que Prometheu roubou os raios ao sol para os transportar para a terra, porque, com effeito, queimando a madeira, Prometheu não fez mais que libertar a quantidade de calor e luz que o sol tinha fornecido para desenvolver a madeira, e que n'esta se tinha armazenado, por assim dizer, debaixo da fórma de carvão.

Podêmos, pois, repetir, como o imperador do celeste imperio, a phrase do poeta que, enthusiasmado com as bellezas da creação, e esquecendo por um momento o Creador, exclamou: *Nós somos filhos do sol.*

XIX

HARMONIAS DA NATUREZA

Nas ondas do occidente
O sol se inclina ao mar;
Um raio do poente
Me vem aos pés vibrar;
E como seu trophéo,
No horisonte doirado
De purpura tarjado, esplende o ceo!

Ao longe ruge o Oceano;
Rescende ao perto a flor;
Além o pégo insano;
Aqui um casto amor:
A imagem do poder,
E da belleza a imagem,
De um Deus alta mensagem mandam crer!

Mendes Leal.

Nada ha mais bello e poetico do que as harmonias da natureza. Como é bello o sol na magnificencia e esplendor que espalha sobre o nosso planeta! Como diz Monplaisir:

Que le soleil est beau dans sa magnificence!
Quelle douce chaleur annonce sa présence,
Quand sa vive lumière, éclairant nos forêts,
Envahit nos vallons, nos lacs et nos guérêts!
Quand ces rayons dorés, sur nos hautes montagnes,
Font scintiller le roc et fleurir nos campagnes,
. . . .

O sol, centro da vida, do systema planetario, dando logar a transformações successivas, mantem sempre a mesma potencia em circulação. Nada se cria; nada se anniquila. O maravilhoso com que se acha a todo o instante em contacto aquelle que estuda os phenomenos da natureza é soprendente; é de fazer empallidecer tudo o que se tem pintado de mais milagroso na mythologia, nos romances e nas religiões diversas. É preciso um grande esforço para não nos perturbarmos á vista de um grandioso tão sublime. Vêde as nossas industrias todas, os immensos materiaes de guerra de todas as nações, as esquadras, os navios a vapor, os caminhos de ferro, etc.: tudo foi gerado por uma porção da energia do sol, que, segundo Tyndall, não attinge a pequenissima fracção de $\frac{1}{2320000000}$.

Considerem-se todas as nossas energias mecanicas reunidas, os nossos rios e quédas de agua, os ventos, as nossas minas, as florestas, os animaes, etc. São tudo manifestações da potencia do astro brilhante, origem da vida e do movimento.

É o sol que mantem no estado liquido as aguas dos mares, no estado gazoso a atmosphera. A sua acção faz evaporar as aguas, cujos vapores se condensam e solidificam nas altas montanhas, dando logar á formação das geleiras, que, fundindo-se pela sua base, adquirem um lento movimento descensional, dando origem aos cursos de agua, onde, pela acção do sol, este liquido de novo se evapora, e os seus vapores, condensando-se e gelando, formam novas geleiras, e assim successivamente, caminhando n'um circulo sem principio nem fim, eterno como o Deus que o determinou, e que preside ás harmonias do universo. Como diz Bocage:

Tu, que tens no seio a eternidade,
E em cujo resplandor o sol se accende,
Grande, immutavel Ser, de quem depende
A harmonia da etherea immensidade.
. . . .

As tempestades no mar e na atmosphera são ainda uma emanação da força mecanica do sol; os trovões, os raios, os relampagos, são uma transformação da sua energia. Cada acção mecanica exercida á superficie da terra, cada manifestação physica ou vital, inorganica ou organica, tem a sua origem no sol.

A fracção da energia do sol absorvida pela terra é, como dissemos, pequenissima; mas d'esta fracção só uma insignificante parte se transforma em força mecanica. Se multiplicassemos por milhões de milhões a somma das energias mecanicas de que podêmos dispor á superficie da terra, não chegariamos a representar o consumo do calor solar.

Se percorremos o espaço com a nossa imaginação, e nos lançâmos pelo meio de outros systemas e de outros soes, somos levados a crer que cada um espalha a sua energia pelo espaço em que brilha, e sempre sem infracção da lei da conservação; sempre transformações incessantes; nunca perda nem ganho. Podêmos dizer como Salomão: *Nada é novo em presença do sol.*

É este o bello da natureza, o infinito e a variedade na unidade. Nada podêmos tirar nem juntar á natureza, pois que a somma das suas energias é constante. O que podêmos fazer é transformar ou mudar as partes constituintes d'esse todo, que é invariavel. Quando os alchimicos queriam transformar os diversos metaes em oiro, não eram chimicos praticos, mas eram altamente philosophos. Ainda mais, nada nos impede de admittir, pelo contrario, as analogias nos levam a crer, que a materia é uma unica, susceptivel de indefinidas transformações.

Que os asteroides se convertam em soes, como querem Mayer e Tyndall: que estes soes se transformem

em plantas e animaes; que estes se decomponham ou transformem em gazes, a potencia em circulação é sempre a mesma.

Como diz o sabio Tyndall, todas as manifestações da vida e do movimento, todos os phenomenos, ainda os mais variados, são modulações harmonicas de uma mesma celeste melodia.

Francisco da Fonseca Benevides.

FR. AGOSTINHO DE SANTA MARIA

É a antiga villa e praça de Estremoz uma das mais notaveis povoações da provincia do Alemtejo, celebrada pela amenidade da sua situação, e como que singular pela belleza dos seus marmores, não menos que pelo seu excellente barro, que, extrahido em grande cópia dos terrenos circunvisinhos, serve de materia para os curiosos e prestadios artefactos, que no uso domestico são tidos em estimação dentro e fóra do reino. Da propensão de seus naturaes para o cultivo das sciencias e letras dá testimunho a *Bibliotheca Lusitana* do abbade Barbosa Machado, mencionando os nomes e obras em diversos generos de escriptores que d'ella foram filhos, em numero de vinte e sete, a que posteriormente podem addicionar-se mais alguns.

Ahi, pois, a 28 de agosto de 1642, nasceu de Antonio Freire e Catharina Gomes (de cujas condições e estado social não resta memoria averiguada) um menino, a quem seus paes pozeram no baptismo o nome de Manuel, e que pelo tempo adiante, reunindo a este nome os appellidos da familia, veiu a chamar-se Manuel Gomes Freire. Se a incuria dos biographos nos deixou totalmente ignorantes das circumstancias relativas á sua puericia e juventude, observa-se quasi egual negligencia e omissão, já agora irreparavel, com respeito a quaesquer particularidades ou incidentes nos periodos seguintes da sua larga carreira; de sorte que bem póde dizer-se d'elle, como de tantos outros, *que a sua verdadeira biographia está nos livros que escrevêra.*

Sabemos apenas, que na edade de vinte e tres annos, resolvido a trocar o bulicio do mundo pelas asperezas do claustro, tomára a 18 de dezembro de 1665 o habito dos eremitas descalços na ordem reformada de Santo Agostinho (cujo instituto começava então a propagar-se em Portugal [1]), cabendo-lhe a primazia de ser o primeiro noviço admittido á nova congregação; e que em 19 de dezembro do anno seguinte fizera profissão de votos solemnes no convento de Nossa Senhora do Monte Olivete, extra-muros de Lisboa, mudando o antigo nome no de fr. Agostinho de Santa Maria, em obsequio ao santo patriarcha, cuja festividade annual coincidia justamente com o proprio dia do seu nascimento. Parece que algum tempo depois passára ao convento de Nossa Senhora das Mercês, do mesmo instituto, já então fundado na cidade de Evora, a fim de seguir ou aprofundar ahi os estudos proprios do seu novo estado, os quaes concluira dando de si provas taes de talento, applicação e sisudez, que em breve o habilitaram para ser elevado aos logares preeminentes e governança da ordem.

Intercalando as práticas religiosas, e o exercicio das virtudes monasticas, em que se diz fôra insigne, com o desempenho dos cargos de chronista, prior no convento de Evora, secretario da provincia, definidor geral eleito tres vezes, e por ultimo vigario geral de toda a congregação [1], viveu fr. Agostinho perto de sessenta annos no claustro, dedicando quotidianamente á lição dos livros e escriptos alheios, e á composição dos proprios, todo o tempo que suas obrigações lhe deixavam.

Apesar de tão aturada leitura, referem os seus biographos de maravilha, que nunca houve mister até ao cabo da vida o auxilio de oculos, nem carecêra jámais de amanuense de que se ajudasse para escrever os numerosos livros que compoz, ou traduziu, tanto historicos como asceticos. Sobem ao numero de vinte e oito os tomos em diversos formatos, que imprimiu em sua vida; cujos titulos e assumptos podem ver-se descriptos no artigo competente do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. I, de pag. 18 a 20, e na *Bibliotheca* de Barbosa; afóra mais algum, que já recentemente nos veiu á mão, e que se omittira por falta de noticia, como se dirá no *Supplemento* ao dito *Diccionario*, se as circunstancias nos favorecerem para o darmos á luz publica. Accrescem ainda áquelles varios outros tomos, que ficaram manuscriptos, mencionados pelo referido Barbosa, e cujo destino ignorâmos.

De todas estas obras é sem dúvida a mais importante, e que bem merece ser versada pelos estudiosos amadores das coisas patrias, o *Sanctuario Marianno, ou Historia das imagens milagrosas e milagrosamente apparecidas de Nossa Senhora, veneradas em todo o reino de Portugal e seus dominios*, publicado successivamente em dez tomos no formato de 4.º, de que o primeiro saíu impresso em 1707 e o ultimo em 1723, estampados todos em Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galrão. Contámos em numero de *mil setecentas setenta e sete* as imagens da Virgem Purissima commemoradas n'este vasto e copiosissimo repositorio, onde de mistura com a narrativa de lendas piedosas, e milagres verdadeiros ou apocryphos, se encontram variadas e exquisitas noticias historicas, topographicas, archeologicas e artisticas, relativas a Portugal, e a individuos e coisas portuguezas, e mais ou menos aproveitaveis a todos os respeitos. Pena é, que nem todas estejam no caso de passarem pela fieira da critica escrupulosa, porque fr. Agostinho, ou por nimia credulidade, ou por demasiada boa fé, mostra-se facil em dar assenso a testimunhos suspeitos, e a deixar-se guiar por auctores reconhecidamente mentirosos.

Como esta obra se vae tornando cada dia mais rara, e subindo progressivamente de preço, pois que os ultimos exemplares de que temos noticia se venderam a 13$500 e 14$400 réis, não julgâmos fóra de proposito dar aqui aos leitores do *Archivo*, que a não tiverem lido, e que houverem de consultal-a, a distribuição das materias contidas nos dez tomos, pela sua ordem numerica.

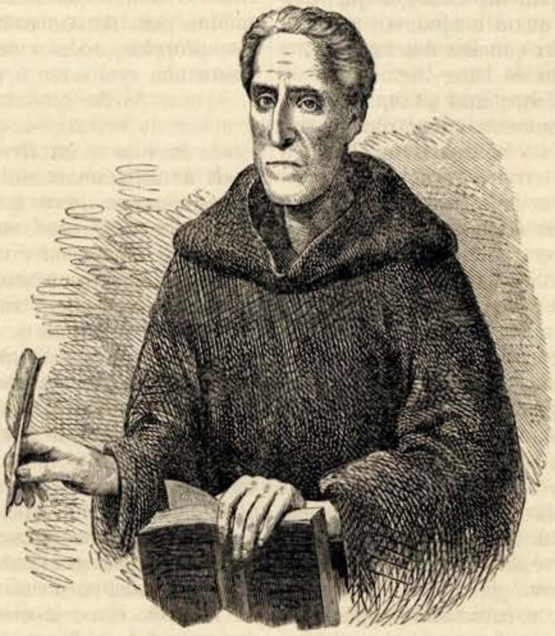
Contém o tomo I a historia das imagens que se veneram na cidade de Lisboa: o II a das que se veneram nas egrejas do arcebispado (hoje patriarchado) da mesma cidade: comprehende o III as que se veneram

[1] Traçada esta reforma no seculo XVI pelas zelosas e pias aspirações dos veneraveis padres fr. Luiz de Montoya e fr. Thomé de Jesus, não chegou a ter effeito. Só obteve successo andado quasi um seculo, pelos cuidados e diligencias de outro agostiniano, fr. Manuel da Conceição, confessor da rainha D. Luiza de Gusmão, e tido por alguns como filho natural del-rei D. João IV; posto que no assento da sua profissão lhe assignassem por pae D. Pedro Pueros, sacerdote irlandez, que se refugiára n'este reino para escapar ás perseguições religiosas em que ardia a sua patria. Este fr. Manuel da Conceição, protegido efficazmente da rainha (que para logo dotára a recoleição com dois conventos, um do sexo masculino e outro do feminino, fundado a expensas suas no sitio do Grilo), tomou o novo habito com mais quatro companheiros, participantes do seu religioso fervor, em 24 de fevereiro de 1664. Pouco depois foi investido no cargo de vigario geral apostolico da nova congregação. Esta não tardou em dilatar-se pela capital e provincias do reino, ficando os membros d'ella mais geralmente conhecidos pela denominação vulgar de *Grilos*, proveniente quer do sitio onde assentaram a sua primeira fundação, quer da côr dos habitos e capuzes inteiramente pretos, que os cobriam. Dos dezeseis conventos e seis hospicios que a ordem contava em Portugal ao tempo da extincção, poucas ou nenhumas noticias nos ficaram, além do que com particular respeito a fundação e primeiros habitadores do convento de Santarem escreveu fr. Luiz de Jesus, na sua *Historia miscellanea da fundação do mesmo convento*, impressa em Lisboa em 1734, no formato de 4.º

[1] Barbosa Canaes (nos *Estudos Biographicos*, pag. 236) equivocou-se, segundo cremos, affirmando que elle servia este ultimo cargo em 1682, quando é certo que só o veiu a exercer entre os annos de 1716 e 1722, se fallam verdade os rostos do *Sanctuario Marianno.*

nos bispados da Guarda, Lamego, Leiria e Portalegre; no priorado do Crato e na prelazia de Thomar: o IV é do arcebispado de Braga, e do bispado de Coimbra, seu suffraganeo; continuando no V os bispados do Porto, Viseu e Miranda (hoje Bragança): no VI vem as imagens do arcebispado de Evora, e dos bispados do Algarve e Elvas: no VII se descrevem em supplemento as que, por falta de conhecimento, ficaram por mencionar nos seis tomos precedentes: o VIII é das imagens que se veneram na India oriental, e mais conquistas de Portugal, Asia insular, Africa, e nas ilhas Filippinas: o IX contém as do arcebispado da Bahia e de Pernambuco, Rio Grande, Parahiba, Maranhão e Grão-Pará: o X, finalmente, as do bispado do Rio de Janeiro, e das ilhas do Oceano, Madeira, Porto-Santo, Açores, Cabo-Verde, S. Thomé, e das Canarias.

A locução de fr. Agostinho, n'esta e nas outras suas composições, corre geralmente correcta, desempeçada, e não falta de elegancia; e quanto ao estilo, se não póde isentar-se totalmente do gosto depravado que predominava no seu seculo, releva confessar que nas suas obras se encontra mais clareza e bom siso, com muito menos dos trocadilhos, metaphoras e conceitos arguciosos, de que affectadamente se arreiavam os escriptos dos seus contemporaneos.



Fr. Agostinho de Santa Maria

Chegára fr. Agostinho á provecta edade de oitenta e seis annos com saude e robustez, promettedoras de mais longa vida, e taes que ainda em 1728, na semana santa que precedeu a sua morte, lhe permittiram fazer os jejuns do costume a pão e agua, e celebrar missa com toda a solemnidade no domingo da Resurreição. Porém aproximava-se o termo inevitavel da sua existencia caduca, e cumpria-lhe deixar o mundo, onde, segundo a phrase do Evangelho, não fôra servo sem proveito. Adoecendo poucos dias depois, na sexta feira *in albis*, que se contavam 2 de abril, passou para a eternidade. O seu cadaver foi no dia immediato sepultado na egreja do convento de Nossa Senhora da Boa Hora de Lisboa, que, padecendo total destruição pelo terremoto de 1755, passou depois de reedificada, e supprimidas as ordens regulares, a servir, com o resto do convento, para n'elle se accommodarem, bem ou mal, os tribunaes de justiça de primeira instancia e suas dependencias.

Na profanação do convento, o retrato de fr. Agostinho, que seus confrades conservavam com outros nos dormitorios, como brazões de honra, passou para a bibliotheca nacional de Lisboa, onde se acha agora decentemente collocado. D'elle é cópia fiel a gravura que os editores do *Archivo* apresentam n'este numero aos seus leitores, acompanhada d'estas linhas, destinadas a perpetuar, do modo que nos é possivel, a memoria d'este exemplar religioso e fecundissimo escriptor.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

A MADRASTA

(CONTO POPULAR)

(Vid. pag. 318)

IV

«Joaquina não era má... porém era madrasta, e por isso o rifão popular não podia deixar de verificar-se. Por mais esforços que fizesse para estimar as enteadas, não podia vêl-as.

«Martinho e sua mulher viviam bem na apparencia; mas só na apparencia, porque Martinho sabia que Joaquina não estimava as enteadas, e Joaquina sabia que Martinho não queria tanto ao filho como ás filhas.

«Bastava que Martinho fizesse a menor caricia ás meninas, para que o espirito mau ateasse o fogo da inveja no coração de Joaquina. Sabia-o Martinho, e chorava amargamente; mas como sua mulher guardava o despeito para comsigo, elle tambem guardava o que lhe ia no intimo. Quem pagava isto era o pobre menino, a quem Martinho, por mais esforços que fazia, e embora considerasse que era tanto seu filho como as meninas, ia, se não aborrecendo, quando menos olhando com indifferença.

«Joaquina tinha desejo de assentar a mão nas meninas, mas ainda não achára occasião opportuna para satisfazer esse desejo, porque Martinho dissera-lhe que unicamente consentiria que lhes batesse quando faltassem á obediencia; e as pobres meninas eram tão humildes e tão bem mandadas, que faziam sempre pontualmente quanto lhes ordenava a madrasta, ape-

sar das lograções em que as enredava para que não podessem cumprir as suas ordens, coisa que depois Joaquina qualificaria de desobediencia.

«Se Joaquina estudava com o demonio para inventar coisas raras e difficeis, a fim de as prescrever ás enteadas, as enteadas contavam sem dúvida com o auxilio de Deus para as cumprirem, porque parecia impossivel que, sem ser assim, as executassem tão a salvo.

«Um dia determinou que Isabel, a primogenita, fosse levar no jumento um costal de trigo ao moinho immediato, e que voltasse a casa em meia hora, que era o tempo necessario para desempenhar a incumbencia sem descançar. O caminho estava mau, e a madrasta contava que o jumento cairia, e que, não tendo Isabel n'aquelle sitio quem a ajudasse a carregar, demorar-se-hia mais do que lhe determinára, e proporcionar-lhe-hia occasião de bater-lhe.

«O jumento caiu, com effeito; mas á falta do auxilio dos homens, a infeliz menina encontrou na sua intelligencia modo de sair do apuro. Isabel levou o jumento para junto de um terreiro cortado perpendicularmente; foi rolando o costal para cima do terreiro; d'alli o poz no dorso do animal, e antes da meia hora prescripta regressava a casa mais alegre que as andorinhas.

«Certa manhã, antes do meio dia, saíu Joaquina para o campo, onde estava seu marido, a menina mais velha, a mais nova e o menino. Ao sair disse a Theresa, que ficava só em casa:

—«Cuida da panella e põe a mesa ao meio dia, porque a essa hora viremos todos jantar. Aqui tens a chave da despensa, tira alguns cachos das uvas que lá estão a seccar, e leva-os para a mesa.

«Theresa cuidou da panella; ás onze horas e meia poz a mesa com o maior cuidado, e em seguida tomou a chave e um prato, e foi á despensa tirar as uvas; mas a fechadura estava enferrujada, e Theresa, que tinha pouca força, não conseguiu abril-a, por mais que o tentasse. A madrasta previra-o naturalmente, e e por isso dera a ordem.

«Theresa desesperava-se, entretanto, ouvindo bater o meio dia, vendo que não podia tirar as uvas, e que a madrasta, assim que chegasse, lhe bateria irremediavelmente.

«As uvas estavam postas em distancia da porta. A menina foi buscar uma canna para ver se lhe chegava pela gateira, mas seus esforços eram inuteis; quiz chamar uma visinha para que lhe abrisse a porta, mas a casa mais proxima estava na distancia de cem metros, e não havia tempo a perder.

«Theresa tinha o costume, que tem as crianças, de invocar sua mãe em todas as afflicções.

—«Oh! minha mãe, que hei de fazer? — exclamou a pobre menina.

«Sua mãe ouviu-a, sem dúvida, e inspirou-lhe o meio de sair da difficuldade; pois dando um salto de alegria, como de pessoa que em fim encontra o que desejava encontrar, apoderou-se da *Caroucha*, que lhe miava ao lado, como dizendo: «Quando se comerá?» atou-lhe uma corda, e metteu-a na gateira, lançando para as uvas um pedaço de queijo atado com barbante; e quando a *Caroucha* se aproximava do queijo, puxou este, e a gata, envolvendo-se nas uvas, trouxe arrastadas as de que Theresa carecia. A madrasta não poderia ainda satisfazer o seu desejo na pobre menina.

«A mais nova gostava muito de maçãs. Um dia a madrasta colheu um cesto das melhores e mais odoriferas, e Mariquinhas, a quem não deixaram proval-as, amuou-se por isso.

«Joaquina deixou só a menina ao lado do tentador cesto, recommendando-lhe que não comesse nenhum fructo, e escondeu-se em uma casa proxima, certa de que se lhe apresentaria agora occasião favoravel de castigar Mariquinhas, logo que a apanhasse a comer as maçãs, transgredindo assim a sua recommendação.

«Esteve Mariquinhas resistindo por muito tempo ao seu appetite, mas, a final, decidiu-se a tomar uma das deliciosas maçãs. Ia já a cravar-lhe os dentes, quando appareceu a madrasta com gesto irado. A menina apressou-se em passar a maçã dos labios para o nariz, e disse em seguida, mostrando-a illesa:

—«Minha mãe, estive a deliciar-me com este aroma.

«Joaquina teve que deixar tambem illeso o corpo da menina.»

Os casos que lhes referi, meus netos, dar-lhes-hão idéa do muito que essa mulher estudava com o demonio, para ter occasião de castigar as enteadas, e dos esforços que as enteadas faziam para que a madrasta não realisasse o seu mau intento.

V

«As meninas iam crescendo.

«E a madrasta considerava-as já com tanto proposito, que as mandava a Valmaseda nas quartas-feiras e nos sabbados, que eram alli os dias do mercado, para cada uma vender um cesto de ovos ou de fruta.

«Um sabbado entregou a madrasta cincoenta peras de S. João a Isabel, trinta a Theresa, e dez a Mariquinhas, e disse-lhes:

—«Venderão em Valmaseda as peras por egual preço, e cada uma de vossês ha de trazer-me a mesma quantia de dinheiro.

—«Isso não póde ser, mãe! — replicaram as meninas.

—«Não sei se póde, façam por que seja assim. E não me repliquem, obedeçam-me, senão bem sabem o que lhes acontecerá.

«As meninas curvaram a cabeça aterradas, e, tomando os cestos, dirigiram-se para o mercado.

«A casa, como já disse, estava um pouco retirada das outras da aldeia. Assim que se afastaram d'ella, as tres meninas pararam a fim de concertarem o meio de sair da difficuldade em que a madrasta, segundo o costume, as envolvêra.

—«Como nos ajustaremos para fazer o que a mãe nos ordenou? — disse Isabel.

—«Não sei, replicou Theresa.

—«E se o não fizermos, accrescentou Mariquinhas, indicando com a mão direita aberta o acto de sacudir o pó, dar-nos-ha por modo que nos arrependeremos de não ter cumprido as suas ordens.

—«Para obtermos quantia egual de dinheiro, o melhor é que a que tenha poucas peras as venda caras, e a que tiver muitas as venda baratas.

—«Porém a mãe disse-nos que as temos de vender pelo mesmo preço.

—«Tens razão.

—«Olhem, disse a mais nova, que parecia ser a mais ladina, como se póde inferir pelo que se passou com as maçãs, assim que vendamos as peras, faremos com o dinheiro tres quinhões eguaes e cada uma tomará o seu.

—«Santo nome de Jesus! E se a mãe o soubesse! — replicou Theresa.

—«Além d'isso, accrescentou Isabel, melhor é levar pancadas que mentir; não é assim, Theresa?

—«Certamente.

—«Mas a mãe não póde sabel-o...

—«Póde, póde, Mariquinhas. Não ouviste dizer á sra. mestra que ha um passarinho, que quando as meninas mentem diz tudo aos paes?

—«Pensam que não sei que essa historia não é verdadeira... como se fosse tonta!

—«Não te canceis; a mãe bater-nos-ha, mas dir-lhe-hemos a verdade.

«As meninas ficaram silenciosas por instantes, meditando no partido que deveriam adoptar.

—«Occorre-me, disse Isabel, que, quando passarmos pela eschola, entremos alli para pedir ao sr. João Ajusta-Contas, que sabe tudo, nos ajuste a que devemos apresentar.

—«Tens razão, approvâmos a lembrança, responderam-lhe Theresa e Mariquinhas recuperando a esperança.

«E as tres irmãs tomaram outra vez os cestos, e proseguiram o caminho.»

Vamos agora saber quem era o sr. João Ajusta-Contas.

Permittam-me que interrompa por um momento a narração de minha avó.

É possivel que, vendo o retrato que vae fazer de um mestre de eschola, digam que a boa senhora phantasiava. Se disserem tal, modificarão logo similhante opinião quando passarem por Galdemes e pelo bello concelho de Supuerta, onde os que frequentaram a eschola nos ultimos annos do seculo passado, conservam escriptas em profundas cicatrizes a memoria de um barbaro mestre chamado Tellitu, que se vangloriava de que não saía nenhum rapaz da sua eschola sem ficar marcado para toda a vida.

Tendo-se n'aquelle tempo por incontrovertivel a estulta e selvatica maxima: «*A letra com sangue entra*», a jactancia do alludido mestre era logica, e até certo ponto desculpavel. Dizer: «Da minha eschola não sairá nenhum rapaz sem estar marcado para toda a vida», valia tanto como dizer: «Da minha eschola não sairá nenhum rapaz sem que lhe haja *entrado a letra*.»

Deixemos, porém, referir a boa da minha avó, que refere muito melhor que eu.

«Era o sr. João Ajusta-Contas mestre de eschola de aldeia, e devia esta alcunha ao costume de ameaçar os discipulos dizendo-lhes: «Deixem estar que lhes ajustarei as contas», e, principalmente, á fama de mui habil em arithmetica. Só uma vez esteve a ponto de perder esta fama.

«O parocho e as auctoridades civis foram um dia visitar a eschola, e entretinham-se em examinar o aproveitamento dos alumnos, fazendo-lhes diversas perguntas. Um rapaz da pelle do demonio, como se diz, a quem nada se lhe perguntára, e, por conseguinte, não tivera occasião de brilhar, coisa que não lhe era muito aprazivel, decidiu-se a perguntar elle, visto que não lhe perguntavam.

—«Sr. mestre, disse, faz-me o favor de responder-me a uma pergunta?

—«Pergunta o que quizeres, respondeu o mestre; bem sabes que desejo me perguntem sempre o que não saibam, pois o que pergunta não erra.

—«Meu pae têm agora tres vezes mais edade que eu. Chegará um dia em que só tenha o dobro?

—«Essas não são perguntas que se façam, respondeu o mestre. Para que succedesse tal coisa, era mister que o relogio parasse para teu pae e continuasse a andar para ti.

—«Pois eu julgo, replicou o alumno, que sem parar o relogio para nenhum de nós, póde chegar meu pae a ter nada menos que o dobro da minha edade.

—«Cala-te, cala-te, ignorante, que isso não tem senso commum, exclamou o mestre agitado, mas sem lançar mão das disciplinas por causa das pessoas que estavam presentes, as quaes observavam com desgosto que aquelle discipulo travêsso quizesse dar quinau no melhor arithmetico de Biscaya, e principalmente se empenhasse em sustentar uma coisa que se lhes afigurava tão absurda como ao proprio mestre.

—«Pois vou provar, replicou o alumno, que o que digo é acertado. Tenho doze annos, e meu pae tem trinta e seis; de hoje a doze annos terei vinte e quatro e meu pae quarenta e oito; logo, meu pae, que presentemente me triplica a edade, terá então só o dobro dos annos.

«O mestre ficou mais alvo que a parede, e o parocho e as outras pessoas presentes soltaram uma gargalhada, exclamando:

—«Ora essa! o rapaz tem razão! Mas, sr. mestre, vossemecê, que é o melhor arithmetico de Biscaya, ignorava o que sabem até os alumnos da eschola primaria?

«A fama do sr. João Ajusta-Contas necessitou de longo tempo para apagar a lembrança d'aquelle desar, que os pobres discipulos pagaram caro, e, sobre todos, o do maldito problema.

«O mestre João pozera na sala da eschola um quadro em que inscrevêra com letras mui gradas: «*A letra com sangue entra*»; e digo-lhes com verdade, meus queridos netos, que o sr. Ajusta-Contas nunca mais se esqueceu da applicação de tal maxima.

«Quando se fallava ácerca de se os alumnos saíam ou não com aproveitamento da sua eschola, o sr. João Ajusta-Contas costumava dizer, rebentando de orgulho: «Tenho a presumpção de que os alumnos da minha eschola saem marcados para toda a vida. Dizendo isto, nada mais tenho a accrescentar a respeito do seu aproveitamento.»

«E o mestre de meninos não exaggerava. Um saía marcado na cabeça, por causa de um tinteiro que lh'a abríra; o outro com uma costura no rosto, por causa de uma chibatada; e todos com o attestado dos estudos escripto no corpo.

«O sr. João Ajusta-Contas não quizera casar-se, porque dizia que as verdadeiras e mais fieis companheiras dos mestres de primeiras letras eram as disciplinas e a palmatoria, e não as mulheres, que deitavam a perder os membros do magisterio infundindo-lhes sentimentos de affecto e amor para com as crianças.

«As disciplinas acompanhavam-n'o sempre, com effeito; se ia dar um passeio, levava as disciplinas na mão e a palmatoria na algibeira; se ia á missa, as disciplinas na mão tambem; se fazia uma digressão a Valmaseda ou a Bilbao, as disciplinas substituiam a bengala; e na eschola como na rua, na egreja como na romaria, estavam sempre as disciplinas do mestre João Ajusta-Contas erguidas sobre as orelhas dos pobres rapazes.

«O mestre Ajusta-Contas era a personificação da terrivel maxima escripta na parede da sua eschola.

V

«Era sabbado.

«Nos sabbados, como sabem, meus queridos netos, ha só eschola de manhã; porém os alumnos, para com os quaes o mestre, por conveniencia propria, era benevolente, supprimiram a eschola de manhã, e por isso todos fizeram feriado.

«O sr. João Ajusta-Contas estava á sombra da parreira que havia á porta da eschola, lendo as *Guerras de Flandres* a umas visinhas, que, sentadas em escabellos, cosiam tambem debaixo da parreira, e entre as quaes se achava Romana, a excellente anciã que em outro tempo aconselhava Martinho a que se casasse. O sr. João era muito dedicado a historias de guerras, e se as guerras eram sanguinolentas, tanto melhor. Ao que parece, nada tem que ver os soldados com os mestres de eschola; mas o sr. João Ajusta-Contas encontrava muita similhança entre uns e outros, porque os soldados dão lições ás nações, e os mestres aos cidadãos, colhendo uns e outros sangue e lagrimas.

«As filhas de Martinho viram o ceo aberto quando viram o mestre, pois receavam que andasse por aquelles sitios fazendo provisão de varas de marmeleiro

para a semana, operação a que costumava dedicar grande parte do sabbado.

—«Vem do mercado as filhas de Martinho, disse uma das visinhas vendo as meninas que se approximavam.

—«Valha-me Deus, accrescentou Romana, que más entranhas tem a Joaquina! Sempre as pobres meninas em roda viva!...

—«Ella não tem a culpa; quem a tem é Martinho, que o consente.

—«Se a pobre Domingas, que Deus haja, erguesse a cabeça e visse como andam as filhas de suas entranhas!

—«É procedimento de madrasta! Como não são seus, filhos!...

—«Quando as mães fallecem deviam poder levar comsigo os filhos pequenos.

—«É verdade!... Dá-me que pensar a transformação da Joaquina. Não o acreditaria se não visse. Ella é trabalhadora, mulher de casa, boa para o marido, boa para as visinhas, boa para os pobres, e só é má para as enteadas.

—«Que quer? é madrasta, e o nome lhe basta, como diz o adagio.

—«Ella tem um filho, disse Romana, e Deus sabe se ámanhã procederão para com elle como ella procede agora para com essas meninas. Deus castiga sem pau...

«As meninas chegaram n'aquelle instante.

—«Bons dias, disseram pondo os cestos no solo.

—«Bons dias, meninas. Vão a Valmaseda?

—«Obedecemos ás ordens de nossa madrasta, que nos envolve em grandes difficuldades, disse Isabel; e accrescentou dirigindo-se ao mestre:

—«Faz-nos o favor, sr. João, de ajustar-nos uma conta?

—«Duas, se quizerem, respondeu o mestre lisonjeado na sua vaidade de arithmetico. Vejamos qual é a conta.

—«Nossa mãe deu-nos a uma cincoenta peras, a outra trinta e a outra dez, e quer que, vendendo-as todas pelo mesmo preço, levemos para casa egual porção de dinheiro cada uma.

—«Que disparate! — exclamaram as visinhas.

—«Raparigas, raparigas, disse o mestre com desabrimento; se querem divertir-se, comprem bonecas, pois commigo ninguem se diverte.

—«O que lhe dissemos não é brinquedo...

—«Não posso atural-as!

—«O sr. João é incredulo! — exclamou Romana. Quando as raparigas affirmam, é porque é verdade; ellas não o inventariam.

—«Mas, visinha, o que essas meninas asseguram ter ordenado a madrasta, não tem pés nem cabeça; não póde ser...

—«Tambem o sr. João achava impossivel que um pae que tivesse tres vezes mais edade que o filho chegasse a ter nada menos que o dobro...

«A esta recordação empallideceu o mestre, o qual se decidiu por ajustar a conta que as meninas lhe indicavam, pois logo fez a seguinte reflexão para comsigo: «A visinha tem razão. Aquillo tambem parecia impossivel, e era exacto. Para que me não succeda outra como a que me fez suar tanto quando fui alvo da aldeia, resolvâmos o problema.»

—«Vejamos então a conta, disse a final o sr. João tirando o lapis da algibeira e dispondo-se a escrever os algarismos na capa do livro, que estava forrado de papel branco para que não se ennodoasse a pasta da encadernação.

«O mestre escrevia os algarismos, apagava-os, olhava para o ceo, mordia as unhas, descançava a fronte na mão como quem meditava, tornava a escrever e tornava a apagar; mas a conta não se acertava.

«As meninas seguiam anciosamente aquellas operações; e as mulheres observavam-n'as com curiosidade.

—«Acerta-se, ou não? — perguntou uma das visinhas.

—«Para que me interrompem, com os demonios! — replicou encolerisado o mestre.

«E continuou a escrever numeros, a meditar e a escrever, a apagal-os novamente, por modo que a capa do livro estava já cheia de algarismos e riscos.

—«Agora é que acertou, sr. João? — tornou a perguntar uma das visinhas.

«E outra accrescentou com sorriso malicioso:

—«Cale-se, visinha, que está quasi certa.

—«Com um milhão de demonios, deixem-me! — exclamou o mestre com olhar furioso, e arremessando ao solo o livro e o lapis.

—«O mestre João não foi educado! — disse logo uma das visinhas; elle sabe tanto de contas, como eu! Meu filho, apesar de criança, dá-lhe quinaus! O que elle tem é muito palavreado!

«E as visinhas pozeram-se a rir em côro:

—«Ora ahi está o melhor arithmetico de Biscaya! Ahi o tem...

—«Senhoras! senhoras! — balbuciou o Ajusta-Contas tremendo, e quasi suffocado pela ira.

—«O melhor arithmetico de Biscaya! Ahi o tem!... Ah! ah! ah!...

«O sr. João Ajusta-Contas, em inteiro desvairamento, vomitando improperios contra aquellas mulheres em especial, e contra todas em geral, correu para a eschola envergonhado, e encerrou-se n'ella para não ouvir as vaias das visinhas.

«Pouco depois as tres filhas de Martinho, com os cestos na cabeça, seguiam o caminho de Valmaseda, tristes, desconsoladas, e sem saber como haviam sair da difficuldade, para que a madrasta as não castigasse ao regressarem a casa.

«A velha Romana, apesar d'isso, infundíra-lhes alguma esperança, dizendo-lhes á despedida:

—«Vão descançadas, filhas; irei logo á sua caprichosa madrasta, e fallar-lhe-hei claro para que me entenda. Não estejam com medo.

(Continua)

POVO E CAMARA LOGRADOS

As bodas reaes mais geral e apparatosamente festejadas, que tem havido em Portugal, foram as do principe D. Affonso, filho unico d'el-rei D. João II e da rainha D. Leonor, com a princeza D. Isabel, filha dos reis de Castella Isabel e Fernando. As festas de Evora, onde a corte se achava então, ficaram memoraveis pela riqueza que n'ellas se ostentou, e pela variedade dos folguedos.

Todas as cidades e principaes villas do reino porfiaram nas demonstrações de regozijo publico; e Cintra, que tanto devia á munificencia régia, não quiz ficar atraz das outras povoações nas finezas dirigidas ao rei popular. Dispoz, portanto, a camara diversas e custosas funcções para solemnisar aquelle fausto successo, e entre ellas lembrou-se de fazer correr uma fonte de leite no meio da praça; divertimento em voga n'aquelle tempo, e muito do agrado do povo.

Construiu-se a fonte com os respectivos encanamentos; preparou-se um bom deposito em uma casa proxima; e ordenou-se a todos os lavradores do termo que trouxesse e n'elle despejasse cada um a sua bilha de leite. «Entre tantas bilhas de leite, quem poderá descobrir uma bilha de agua!» Isto disse para si um dos lavradores; mas o peior foi que a todos occorreu o mesmo pensamento de fraude. Se bem o pensaram, melhor o fizeram. E quando no dia da solemnidade o povo cercava a fonte, ancioso de ver rebentar o manancial de leite, viu com grande pasmo cair e repuxar agua purissima.

I. DE VILHENA BARBOSA.